

# Diálogo Florestal para a Mata Atlântica



Relatório do 4º Encontro  
15 a 17 de Maio de 2007  
Mogi das Cruzes e São Paulo - SP

## SUMÁRIO EXECUTIVO

Em outubro de 2003, trinta representantes de organizações ambientalistas, da indústria de produtos florestais, proprietários de terras e academia encontraram-se em Santa Cruz de Cabrália, Bahia, Brasil, para discutir temas relacionados ao setor florestal e conservação da biodiversidade. Este encontro foi convocado pelo **THE FORESTS DIALOGUE**<sup>1</sup>, um processo de diálogo com vários atores internacionais interessados em assuntos florestais.

O sucesso do Diálogo sobre Florestas e Biodiversidade em 2003 inspirou três organizações brasileiras e três empresas do setor florestal – Instituto BioAtlântica (IBio), The Nature Conservancy do Brasil (TNC), Conservação Internacional do Brasil (CI), Rigesa/MeadWestvaco, Suzano Papel e Celulose e Veracel Celulose – a proporem uma continuidade do Diálogo, envolvendo outros atores regionais e focando, especificamente, no desenvolvimento de uma visão comum entre o setor florestal e ambientalistas para a conservação da biodiversidade na Mata Atlântica. Esta proposta foi bem recebida pelo Comitê Gestor do TFD, que incluiu esta iniciativa na agenda do **THE FORESTS DIALOGUE** e a está apoiando.

A maioria das empresas florestais que operam na Mata Atlântica, especialmente aquelas do setor de papel e celulose, desenvolve projetos de recomposição florestal e de proteção e monitoramento da biodiversidade abrigada nos remanescentes de sua propriedade. Entretanto, nota-se que ainda há pouca cooperação entre as empresas e as organizações conservacionistas. Ambos os setores concordam que, para assegurar a sobrevivência da Mata Atlântica é necessário ampliar a escala dos esforços até então empreendidos, o que demanda a identificação de agendas comuns e o estabelecimento de parcerias para atingir a escala desejável.

Com o objetivo de desenvolver ações práticas e viáveis economicamente para a conservação da biodiversidade em áreas prioritárias e para o negócio das empresas, foi criado o **DIÁLOGO FLORESTAL PARA A MATA ATLÂNTICA**, uma iniciativa que integra empresas de papel e celulose e organizações conservacionistas que possuem operações e atuação no bioma Mata Atlântica, considerado um dos mais importantes para a conservação da diversidade biológica do planeta.

Os resultados do **DIÁLOGO FLORESTAL PARA A MATA ATLÂNTICA**, cuja primeira etapa foi realizada durante o triênio 2005-2007, permitiram a construção de uma visão comum, compartilhada entre as companhias florestais e as entidades ambientalistas, que leve a resultados concretos e conseqüente aumento da escala dos esforços para a conservação, gerando ao mesmo tempo benefícios tangíveis para a biodiversidade e para as empresas participantes.

Este documento resume as atividades do Quarto Encontro, o último da Primeira Fase, que foram realizadas no Parque das Neblinas, reserva natural particular da

---

<sup>1</sup> Para mais informações sobre o TFD acesse <http://theforestdialogue.org>

Suzano Papel e Celulose, em Mogi das Cruzes – SP, no período de 15 a 17 de Maio de 2007.

## **1- Abertura:**

**Luiz Cornacchioni** (Suzano Papel e Celulose, membro da coordenação do Diálogo Florestal para a Mata Atlântica)

Na abertura do evento, em nome da Suzano Papel e Celulose, Luiz Cornacchioni desejou boas vindas aos participantes destacando que o Quarto Encontro do Diálogo Florestal, realizado no Parque da Neblina, é um marco referencial para a empresa.

Lembrou o início do Diálogo, a ansiedade com os resultados imediatos e os excelentes resultados, alcançados em médio prazo, tendo como indicadores de avanço as iniciativas das empresas e organizações ambientalistas e o próprio grupo do Diálogo.

**Gary Dunning** (Yale University, secretário executivo do Steering Comittée do The Forest Dialogue)

- Manifestou sua satisfação e a oportunidade de estar novamente com todos, buscando melhor compreensão dos benefícios do Diálogo Florestal;
- Disse que o progresso do Diálogo Florestal para a Mata Atlântica, bem como de outras iniciativas regionais de diálogo, em outros países, têm se destacado no ambiente do The Forests Dialogue;
- Apontou a gestão sustentável dos recursos naturais nas pequenas propriedades agrícolas e também nas grandes empresas como a maior mudança ocorrida;
- Ressaltou a oportunidade do intercâmbio, contribuindo com idéias e projetos para o desenvolvimento das organizações e das empresas;
- Incentivou a continuidade do diálogo, com objetivos relacionados ao desenvolvimento de processos regionais e ingresso de novos atores, buscando uma visão comum e gestão compartilhada do meio ambiente.

**André Guimarães** (Instituto BioAtlântica, membro da coordenação do Diálogo Florestal para a Mata Atlântica)

- Apresentou dados sobre seis estados da Mata Atlântica, comparando a área protegida por unidades de conservação mais restritas (as de proteção integral) com a área de remanescentes florestais das empresas do setor, destacando a oportunidade de se trabalhar em cooperação e o potencial de adicionar mais áreas destinadas à proteção e a atividades ambientalmente adequadas;
- Ressaltou os ativos de cada um dos segmentos (ambientalistas e empresas) e afirmou que o principal dever de casa é mostrar que meio ambiente é investimento, não é custo, pois tem retorno e, portanto, os investimentos deveriam ser ampliados;

- Destacou o interesse da sociedade pelo tema, o qual, sobretudo por conta da questão das mudanças climáticas, encontra-se hoje fortemente presente na mídia;
- Afirmou que a principal meta da primeira fase era aglutinar este grupo, e que esta meta foi atingida. Na primeira reunião, havia cinco empresas e seis organizações ambientalistas. Hoje, temos a presença de nove empresas, uma organização ligada ao setor empresarial e 14 organizações;
- Ressaltou que os participantes foram obstinados e deram continuidade ao processo de diálogo e cooperação além das reuniões, definindo os temas prioritários e desenvolvendo atividades em duas regiões. Por esta razão, a primeira fase ainda nem foi concluída e já se tem resultados concretos;
- Lembrou que a reunião do The Forests Dialogue realizada em Santa Cruz Cabrália, em 2004, foi a provocação para desencadear o processo no Brasil.
- Lembrou ainda que o primeiro encontro do Diálogo foi como uma catarse, bater e apanhar. Foi importante, por que neste momento identificaram-se as grandes questões e os temas prioritários;
- Na segunda reunião, os participantes estiveram focados no desenvolvimento dos dois temas e na construção dos grupos de trabalho;
- O terceiro encontro, em Porto Seguro, foi elaborado um cronograma e um plano de ação, para desencadear os pilotos;
- Agora, a proposta que a coordenação traz para o quarto encontro é dar continuidade ao processo iniciado, uma vez que se percebe que o grupo de participantes está confortável para, em uma segunda fase, dar continuidade ao diálogo e às oportunidades de cooperação de forma mais concreta. Encerrou afirmando que a continuidade, neste caso, será mais produtiva ainda.

## **2- Apresentações:**

Na seqüência, foram feitas três apresentações, sobre ações e iniciativas que estão ocorrendo hoje e que podem servir como modelos para outras oportunidades de cooperação entre as empresas e as organizações ambientalistas.

- **Parque da Neblina: História, Ações e Perspectivas**, por Paulo Groke (Instituto Ecofuturo);
- **Monitoramento de Paisagens**, por João Augusti (Suzano Papel e Celulose);

Com estas apresentações, seguidas de um debate com perguntas e respostas envolvendo os apresentadores e todos os demais participantes, encerrou-se a manhã do primeiro dia. Após o almoço, a programação seguir conforme descrito abaixo.

### **3- Relatos das iniciativas regionais de diálogo entre empresas e ambientalistas:**

#### **Desafios para o diálogo entre ambientalistas e empresas no Rio Grande do Sul,** por Káthia Vasconcenlos

- O movimento ambientalista brasileiro praticamente nasceu no Rio Grande do Sul. Sempre foi um movimento muito forte, mesmo durante a ditadura militar;
- Alguns anos atrás, empresas de papel e celulose iniciaram a compra de terras na região dos pampas gaúchos. Em 2005, os movimentos sociais aglutinam-se ao redor da luta contra a instalação destas empresas no solo gaúcho. A comunidade acadêmica tem participado, fomentando o intercâmbio e a difusão de informações;
- Com o aumento da preocupação, o governo do estado optou por realizar um zoneamento ambiental do estado para a silvicultura, no que foi apoiado pelas organizações sociais e ambientalistas. Além disso, um acordo capitaneado pelo Ministério Público, definiu que as empresas poderiam implantar talhões de eucalipto na região das serras, durante o processo de elaboração do zoneamento, sendo que as empresas deveriam se adequar após a conclusão do mesmo;
- Foi feito também um zoneamento para o aproveitamento dos recursos hídricos para geração de energia elétrica, definindo que um dos rios na parte alta e outro, na parte baixa, ficariam livres de barramentos;
- O estudo de zoneamento da silvicultura foi feito por unidade de paisagem. Foram juntando informações disponíveis nas universidades e instituições e, de acordo com os levantamentos e informações disponíveis, definiram três áreas para uso, com baixa, média e alta restrição. Em qualquer uma destas regiões é explicado o que pode ou não se fazer. O zoneamento disponibiliza nove milhões de hectares para serem utilizados pela silvicultura;
- Para surpresa dos movimentos sociais, as empresas do setor de papel e celulose não aceitaram este zoneamento e passaram a criticar sua base técnica. Acusam que o zoneamento foi feito em bases ideológicas e não técnicas;
- A comunidade gaúcha, revoltada e com o apoio da imprensa, tem feito pressão sobre as empresas. Para Kathia, é contraditório que as três empresas que estão investindo no Rio Grande do Sul (Aracruz Celulose, Votorantim Celulose e Papel e StoraEnso) participem do Diálogo Florestal para a Mata Atlântica mas estejam assumindo uma postura totalmente distinta para o bioma Pampa. Ressalta que, se existe um zoneamento elaborado pelo poder público, com participação da academia, o mesmo deve, no mínimo, ser respeitado e considerado nos debates;
- Káthia ressaltou ainda que a questão do fomento florestal no Rio Grande do Sul deve estar fortemente amarrada à estrutura sociocultural do Pampa;
- Encerrou dizendo que está há dois anos buscando o diálogo, mas, em função do posicionamento das empresas, decidiu voltar para a linha de frente do combate.

Após sua apresentação, Otávio Pontes, da StoraEnso, fez alguns esclarecimentos com relação ao processo de aquisição de terras pela empresa. Disse ainda que o zoneamento, da forma como está proposto, inviabiliza os investimentos. Afirmou também que as empresas estão impossibilitadas de trabalhar há mais de cinco meses. As empresas estão questionando o zoneamento pelas restrições que devem ser cumpridas, mas gostariam de tratar o assunto de forma mais democrática.

Pedindo a palavra, Rosane Borges, da Aracruz, complementou a informação, esclarecendo que a empresa sempre foi clara quanto a seus interesses no Rio Grande do Sul, e que para eles é fundamental que o processo de diálogo avance naquele estado. Disse que ainda falta sentar, avaliar e colocar os questionamentos e posicionamentos sobre a mesa, de forma tranqüila. Concluiu afirmando que a Aracruz tem o interesse em permanecer dialogando com os movimentos sociais.

Na seqüência, Márcio Nascimento, da Votorantim, fez mais alguns esclarecimentos, e reforçou a importância do diálogo.

Após uma breve análise da situação, os participantes concluíram que é importante que a coordenação do Diálogo Florestal se aproxime do assunto e colabore, no sentido de fomentar o diálogo entre empresas e ambientalistas naquele estado. Káthia Vasconcelos e André Guimarães se comprometeram a agendar uma reunião para os próximos meses, para iniciar este processo de maneira mais estruturada.

## **RELATO SOBRE O ANDAMENTO DOS FÓRUNS FLORESTAIS REGIONAIS**

A seguir, foram apresentados relatos sobre as diversas experiências de diálogo que vêm sendo implantadas em algumas regiões da Mata Atlântica.

### **Fórum Florestal do Sul da Bahia, por Beto Mesquita (Instituto BioAtlântica)**

- Beto iniciou sua apresentação com o histórico do Fórum Florestal do Sul da Bahia, lembrando que a primeira reunião ocorreu antes do primeiro encontro do Diálogo Florestal para a Mata Atlântica;
- Há uma sinergia muito grande entre ambas iniciativas (a nacional – Diálogo Florestal para a Mata Atlântica – e a regional – Fórum Florestal do Sul da Bahia). Estes fóruns compartilham dois temas prioritários (fomento florestal e ordenamento territorial). Ao longo das reuniões do fórum, o uso múltiplo da madeira também se destacou como tema prioritário, sendo abordado por duas linhas: uso múltiplo da madeira do eucalipto e o fomento com espécies nativas;
- Pelo fato da Bahia ainda não ter um Zoneamento Econômico-Ecológico (ZEE), o Fórum tem apontado, além dos pactos que estão sendo construídos para as zonas de amortecimento das unidades de conservação de proteção integral, para a possibilidade de se avançar com pactos entre os municípios, de acordo com a orientação para formação de mosaicos na paisagem;
- Ressaltou a elaboração do documento “Diretrizes para o Fomento Florestal”, o qual conta com um compromisso público das empresas pelo seu cumprimento, tendo servido como principal referência para a elaboração das diretrizes de fomento elaboradas pelo Diálogo Florestal;

- Por último, informou que estão sendo elaboradas diretrizes para a silvicultura nas zonas de amortecimento das unidades de conservação, contando com a participação dos chefes destas unidades. A tendência é que estas diretrizes se transformem em um documento e um compromisso público, assim como ocorreu com o fomento.

Complementando a exposição de Beto Mesquita, Oscar Artaza (Flora Brasil), que também integra o Fórum Florestal do Sul da Bahia, ressaltou a temática do uso múltiplo, com destaque para a preocupação de como o proprietário rural poderá fazer o manejo diferenciado para atender outros mercados além da celulose (móveis, construção civil, artesanato, etc).

Disse ainda que o zoneamento ecológico-econômico (ZEE) não é uma ferramenta adequada e que se reduz a um conjunto de informações, uma ferramenta básica, e que não sabe o que o governo vai fazer no ZEE. Como a região do Extremo Sul da Bahia é muito grande, estão tentando trabalhar a intermunicipalidade, fomentando um espírito de troca de experiências e implantação de programas de interesse comum, pensando em conjunto as questões da região.

Por último, disse que a questão fundamental, na perspectiva da gestão de mosaicos, está no uso do entorno das unidades de conservação. É fundamental que as prefeituras da região estejam pensando juntas o ordenamento territorial. Há ainda o interesse pela questão da regularização ambiental das propriedades, especialmente no que se refere às Reservas Legais, pressionando inclusive o Estado para atender, de maneira satisfatória, esta demanda.

#### **Relato sobre as reuniões da Aracruz Celulose com o Fórum de Organizações Ambientalistas do Espírito Santo, por Rosane Borges (Aracruz Celulose)**

- Rosane ressaltou o acordo de cooperação resultante destas reuniões, que caminha para um Pacto mais amplo, envolvendo outras empresas que atuam no estado. O fórum no Espírito Santo foi dividido em quatro regiões;
- Informou ainda que o aumento da produção de mudas pelo viveiro de Vila Velha tem suprido a demanda do litoral sul, estando vocacionado como pólo de educação ambiental;

Pedindo a palavra, Lizete Siqueira (IPEMA), que atua em uma organização do Espírito Santo, informa que o IPEMA não tem se sentido à vontade para participar do Fórum, sobretudo devido ao histórico de dificuldades de diálogo entre as próprias organizações.

#### **Relato sobre as iniciativas de diálogo em Minas Gerais, por Deuseles Firme (Cenibra)**

- Deuseles informou aos presentes o início de um processo de diálogo, focado na bacia do Rio Doce, nos moldes do que tem sido adotado pelo Diálogo Florestal. Esta experiência tem sido estimulada em 49 municípios, através do Instituto Cenibra e coordenações regionais da própria Cenibra, com os principais interlocutores locais.
- O foco das discussões tem sido a água, pelo fato da empresa ser uma grande consumidora e produtora deste recurso natural. Está presente em cada

município ou conselhos, em reuniões para ouvir e responder às demandas. Existem muitos conflitos, pequenos, mas que estão sendo trabalhados.

- A estrutura do Estado é de muitas fazendas e muitos vizinhos. Assim, tem que conversar com estes vizinhos. As fazendas foram abertas para cooperativas de apicultores, os quais, de forma organizada, desenvolvem uma atividade econômica. Os apicultores levam à empresa os problemas vivenciados, que também são da Cenibra.

André Guimarães (Instituto BioAtlântica) complementou esta informação com uma apresentação sobre o Projeto do Ribeirão do Boi, uma sub-bacia do Rio Doce, que apresenta uma situação sócio-econômica e ambiental clássica e assustadora. Informou que a idéia deste projeto é transformar esta bacia em uma vitrine, implantando cerca de 20 a 30 “propriedades modelo”, com adequação ambiental, produção florestal e sistemas agroflorestais.

#### **Alto Paraíba e Tietê, em São Paulo, por João Augusti (Suzano Papel e Celulose)**

- João informou que este processo de diálogo teve início com uma iniciativa da Polícia Ambiental, em função das irregularidades encontradas nas propriedades rurais com fomento florestal. A partir daí, buscou-se o compartilhamento de responsabilidades entre os fomentados e a empresa. Um capitão da Polícia Ambiental provocou as empresas e o Estado para analisarem os problemas nas propriedades dos fomentados, bem como o papel dos órgãos ambientais no ordenamento, controle e fiscalização desta atividade.
- Informou ainda que existem na empresa duas linhas de trabalho com o fomentado, contratuais e não-contratuais. Relatou ainda a elaboração de uma carta de compromisso, com dezenove itens, entre os quais incluem o uso múltiplo, um sistema de segurança e de saúde ocupacional. Entretanto, esta Carta não foi assinada pelas partes, por receio de criar precedentes. Mesmo não assinando, a empresa passou a cumprir alguns compromissos. Conseguiram alguns avanços através da realização de fóruns e palestras

#### **Região Sul, por Miguel Calmon (TNC)**

- Miguel fez um breve relato sobre a experiência piloto de ordenamento territorial na região Sul. Afirmou que, para trabalhar no ordenamento torna-se necessário o compartilhamento de informações, sobretudo de como as empresas atuam, as áreas de fomentos, a localização e o estado das Reservas Legais, etc. As empresas não disponibilizaram as informações ainda, mas se mostraram abertas e interessadas no diálogo.
- Foi feita uma base de dados para referência e início do processo, a qual incluiu as áreas prioritárias para conservação, as unidades de conservação, os remanescentes florestais nativos, as matas ciliares e outras informações de interesse para o ordenamento.
- Existe a intenção de expandir o diálogo para outros atores e segmentos sociais, visando organizar o diálogo no Sul.
- Com a superposição da base de dados, foi desenhado um corredor, de 200mil hectares.



- Miguel afirmou que existe boa vontade de ambas as partes, mas para que este trabalho possa avançar é necessária uma relação de maior confiança entre todas as partes envolvidas.
- Proposta de fazer um pacto de confiabilidade para facilitar a cessão de informações. Torna-se importante saber os ativos das empresas para o ordenamento espacial.

## **Dia: 16/05 - Quarta feira**

### **Planejando a Segunda Fase do Diálogo Florestal**

#### **Análise da Primeira Fase: Forças Restritivas**

Inicialmente os participantes fizeram uma análise do desenvolvimento do Diálogo Florestal no Brasil identificando, de forma livre e espontânea, os aspectos considerados como forças restritivas - pontos fracos e ameaças -, que impediram ou dificultaram sua implantação.

As idéias dos participantes foram organizadas de acordo com o seguinte painel:

##### **Diálogo Florestal**

- Falta de credibilidade/conhecimento da proposta inicial do Diálogo
- Indefinição do papel executivo do Diálogo
- Indefinição do papel do Diálogo
- Ainda estamos nas definições/conceitos e levantamento de dados

##### **Postura Institucional**

- Conceitos e idéias não levados aos tomadores de decisão nas empresas
- Dificuldade de formalizar ações e recomendações dentro das instituições envolvidas
- Baixa prioridade interna da instituição
- Posturas institucionais pouco flexíveis
- As empresas ainda são como caixas pretas
- Pouca participação decisória das empresas
- Ainda existem comportamentos incompatíveis com o Diálogo. Ex. Rio Grande do Sul

##### **Participantes do Diálogo**

- Mudanças nos representantes dos participantes
- Participação e freqüência dos participantes
- Conflito de identidade da representação: pessoa ou instituição

- Mudança constante dos participantes
- Diferença nas expectativas e compromissos entre os participantes
- Expectativas muito elevadas no início
- Pouca participação de organizações de Minas Gerais
- Proprietário rural sem representatividade no Diálogo Florestal
- Não inclusão de outras partes interessadas
- Baixa integração entre os GTs e regiões prioritárias (dentro das regiões)
- Baixa disseminação do Diálogo nos Governos e outros atores chaves na implantação das ações

### **Efetividade do Grupo**

- Pouca efetividade do grupo
- Ausência de cobranças e articulações nos períodos entre as reuniões
- Hiatos de comunicações entre encontros
- Limitações para atingir resultados concretos

### **Discussões temáticas**

- Instrumentos práticos de implantação dos temas discutidos não focalizados no Diálogo
- Processo de discussão com muitos temas e pouco aprofundamento nos debates
- Fluxo insuficiente de informações para subsidiar as discussões
- Muita gente para pouco tempo de debate, atrasos
- Pouca abordagem sobre políticas públicas

### **Implantação das Ações**

- Dificuldade de implantação de projetos pilotos
- Não implementação de projetos, ações e acordos
- Dificuldade de priorização das ações resultantes de cada encontro
- Muitas ações previstas nos planos de trabalho não foram executadas
- Agenda muito cheia
- Diagnóstico do fomento florestal ficou incompleto
- Falta de tempo para se dedicar às ações que devem ser executadas entre as reuniões
- Recursos insuficientes para realizar ações e projetos
- Falta de estratégias e diretrizes claras para as atividades dos grupos
- Pouca conexão entre as estratégias com os temas discutidos nos Diálogos

# Forças Restritivas: Gravidade

Os aspectos identificados como forças restritivas - pontos fracos e ameaças - foram avaliados destacando-se, segundo a visão individual, aqueles considerados de maior gravidade.

Aspectos Destacados	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
<b>Diálogo Florestal</b>										
▪ Ainda estamos nas definições/conceitos e levantamento de dados	■									
<b>Postura Institucional</b>										
▪ Conceitos e idéias não levados aos tomadores de decisão nas empresas	■	■	■	■	■	■	■			
▪ Dificuldade de formalizar ações e recomendações dentro das instituições envolvidas	■	■	■	■	■	■	■			
▪ Ainda existem comportamentos incompatíveis com o Diálogo. Ex. Rio Grande do Sul	■	■	■	■	■	■				
▪ Baixa prioridade interna da instituição	■	■	■							
▪ As empresas ainda são como caixas pretas	■	■	■							
▪ Pouca participação decisória das empresas	■									
<b>Participantes do Diálogo</b>										
▪ Baixa disseminação do Diálogo nos governos e outros atores chaves na implantação das ações	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
▪ Mudança constante dos participantes	■	■	■	■	■	■				
▪ Diferença nas expectativas e compromissos entre os participantes	■	■	■	■	■	■				
▪ Expectativas muito elevadas no início	■	■	■	■	■	■				
▪ Baixa integração entre os GTs e regiões prioritárias (dentro das regiões)	■	■	■	■	■	■				
<b>Efetividade do Grupo</b>										
▪ Limitações para atingir resultados concretos	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
▪ Ausência de cobranças e articulações nos períodos entre as reuniões	■	■	■	■	■	■				
▪ Hiatos de comunicações entre encontros	■	■	■	■	■	■				
<b>Discussões temáticas</b>										
▪ Processo de discussão com muitos temas e pouco aprofundamento nos debates	■	■	■	■	■	■	■	■		
▪ Instrumentos práticos de implantação dos temas discutidos não focalizados no Diálogo	■	■	■	■	■	■				
▪ Fluxo insuficiente de informações para subsidiar as discussões	■	■	■	■	■	■				
<b>Implementação das Ações</b>										
▪ Pouca conexão entre as estratégias com os temas discutidos nos Diálogos	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
▪ Muitas ações previstas nos planos de trabalho não foram executadas	■	■	■	■	■	■	■			
▪ Falta de tempo para se dedicar às ações que devem ser executadas entre as reuniões	■	■	■	■	■	■				
▪ Diagnóstico do fomento florestal ficou incompleto	■	■	■	■	■	■				
▪ Recursos insuficientes para realizar ações e projetos	■	■	■	■	■	■				
▪ Dificuldade de implantação de projetos pilotos	■	■	■	■	■	■				

# Análise da Primeira Fase: Forças Impulsoras

Na continuidade da análise e avaliação os participantes identificaram os aspectos que, considerados como forças impulsoras – pontos fortes e oportunidades - contribuíram para o cumprimento dos objetivos do Diálogo Florestal no Brasil. As idéias dos participantes foram organizadas de acordo com o seguinte painel:

## **Consolidação do Diálogo**

- Processo de consolidação da idéia do Diálogo
- Compromisso com a consolidação do Diálogo
- Compromissos assumidos representam crescimento e evolução
- Construção de um modelo de Diálogo replicável para outros setores
- Perspectiva de continuidade
- Empresas aderiram aportando criatividade e conteúdo
- Reconhecimento da necessidade de Diálogo entre as empresas e organizações
- Reconhecimento de que o Diálogo entre empresas e organizações é importante para ambos
- Abertura definitiva de um canal de comunicação

## **Gestão**

- Processo de construção do modelo de gestão do Diálogo
- Reconhecimento de que o Diálogo é um processo
- Organização do processo
- Compreensão do papel diretivo e menos executor

## **Credibilidade**

- Construção de ambiente de confiança
- Ganho de mútua credibilidade (essencial para implementar ações)
- Quebra de preconceitos e barreiras
- Relacionamento de confiança entre empresas e organizações
- Maior credibilidade e confiança mútua
- Aumento da confiança entre empresas e organizações participantes
- Confiança sendo construída
- Respeito entre as partes envolvidas

## **Relacionamento**

- Mudança de comportamento
- Mudança positiva na relação ONG/empresa
- Aproximação entre empresas e organizações na busca de soluções de problemas comuns
- Maior aproximação entre organizações e empresas
- Convergência de interesses comuns
- Rumo comum
- Maior integração entre os participantes
- Ambiente de cooperação
- Apoio conjunto para novas propostas
- Integração entre empresas e organizações
- Integração entre participantes

## **Parcerias**

- Muitas parcerias estabelecidas para implementação de projetos integrados e de larga escala
- Formalização de parcerias
- Formação de parcerias bilaterais e multilaterais em ações no campo
- Início de parcerias concretas
- Aproximação e início de parcerias entre organizações e empresas
- Parceria Apremavi e Suzano
- Parcerias espontâneas
- Novas parcerias e projetos conjuntos
- Facilitou novas parcerias

## **Diálogos Regionais**

- Construção e implementação de diálogos regionais
- Alguns fóruns locais conseguiram avançar nos temas, gerando acordos entre as partes
- Disseminação do diálogo para soluções regionais

## **Iniciativas**

- Apresentação de programas, projetos e estudos desenvolvidos em parcerias e que podem ser utilizados por todos
- Realização de iniciativas geradas a partir dos encontros
- O estímulo e melhorias concretas no fomento

## **Conhecimento**

- Aumentou o conhecimento mútuo
- Aprendizado contínuo: melhor compreensão das partes
- Diversidade de conhecimentos, franqueza nas colocações
- Aumento do nível de conhecimento e experiência entre os participantes
- Aprendizado e convivência com diferentes pontos de vista
- Agregação de conhecimento
- 

## **Debates**

- Possibilidade de aprofundamento de discussões sobre assuntos politicamente sensíveis
- Disposição de conversar
- Alto nível das discussões
- Alto nível do debate
- Transparência nas discussões
- Diálogo franco e aberto
- Transparência: os conflitos não são velados pela coordenação
- Oportunidade para discussões paralelas
- Capacidade de análise crítica do grupo



# Planejamento da Segunda Fase: Propostas

Na perspectiva de continuidade do Diálogo Florestal, em uma segunda fase, os manifestantes manifestaram suas idéias, de forma livre e espontânea, que foram organizadas de acordo com o seguinte painel:

## **Fórum Nacional**

- Ampliação dos participantes com maior visão, levando a melhores diretrizes
- Ampliar o grupo de participantes, tanto das organizações quanto das empresas
- Estimular/promover a participação mais constante dos membros do Diálogo
- Envolver outros setores de base florestal através de representações

## **Fóruns Regionais/locais:**

- Incluir atores da cadeia florestal nos projetos
- Incluir organizações sociais no grupo
- Ampliar, com cautela e de forma estratégica, a participação para outros setores (governo, universidades)
- Convidar instituições de pesquisa: IPEF; SBS; Universidades
- Convidar organizações do movimento social
- Incluir os proprietários rurais
- Discutir critérios para envolver governos e agências governamentais
- Mais participação de fomentados/pequenos produtores individuais no Diálogo e nos fóruns locais
- Realizar, nos estados, diálogo com as representações empresariais, visando a ampliação do número de participantes
- Trazer representantes do governo e proprietários rurais
- Ampliar a participação da indústria para assegurar representatividade
- Ampliar diálogos locais incluindo pessoal operacional e de outras áreas nas discussões/implantações
- Foco em diálogos locais
- Incentivar e consolidar diálogos locais
- Continuidade da segunda fase para discutir as ações dos diálogos locais
- Fortalecer os fóruns florestais regionais
- Integração da região sul com articulação organizada
- Fortalecer e integrar fóruns locais

## **Coordenação**

- Coordenação do Diálogo deve assumir um papel mais efetivo como mediador de conflitos e estimulador dos fóruns regionais
- Aumentar número de empresas e organizações na coordenação;
- Ampliar a coordenação para quatro organizações e quatro empresas;
- Manter nos conselhos as atuais coordenações;
- Repensar e mudar (se for o desejo do grupo) a estrutura da coordenação
- Ampliar a base de instituições participantes da coordenação
- Inserir na coordenação uma organização que não tenha um orçamento garantido todos os anos, que dependa de captação de recursos
- Uma secretaria executiva bem estruturada, sem coordenação (com conselho)
- Profissionalizar e viabilizar no médio prazo uma secretaria executiva
- Pensar, no médio prazo, em uma estrutura de coordenação mais profissionalizada
- Contratação de uma pessoa para trabalhar exclusivamente no Diálogo (articulação/ coordenação)
- Consolidação como fórum diretivo e não executivo

## **Sustentabilidade**

- Assegurar recursos para a continuidade de DFMA e dos fóruns locais
- Discutir como resolver os principais obstáculos aos resultados: falta de recursos; proposta ganha-ganha

## **Enfoque**

- Eliminação da expressão “Mata Atlântica” (Diálogo Florestal) ampliando as áreas representadas no programa (ex. Pampa)

### **Operacionalização**

- Implantação e monitoramento das recomendações e diretrizes do fórum regional nas áreas prioritárias
- Ações implantadas no nível local (fóruns locais) e estratégias a nível regional
- Diálogo florestal do bioma como fórum estratégico, priorizando as ações por meio dos fóruns locais
- Estratégia: fórum regional; ações: fórum local (áreas prioritárias)
- Discussão nível regional e definição de diretrizes
- Proposta de organograma para gestão regional (candidaturas)
- Definir formato para a relação DFMA – Fóruns locais
- Assumir o papel estratégico deste encontro. Deixar o operacional para os fóruns regionais
- Realização de diálogos locais e consequentemente consolidação de ações
- Reorientar o Diálogo para prioridades, definições estratégicas, articulação e apoio aos fóruns e projetos
- Estabelecer formas de acompanhamento de ações e trabalho nos intervalos de reuniões
- Intercâmbio entre reuniões de atores das regionais (organizações)

### **Comunicação**

- Melhorar a gestão e processos de comunicação
- Intensificar o fluxo de informações
- Melhorar o fluxo de comunicação
- Melhorar a comunicação, principalmente no período entre as reuniões
- Implementação uma estratégia interna e externa de comunicação
- Gerar uma publicação que contemple os dois anos iniciais do Diálogo

### **Encontros**

- Dois no primeiro ano e um por ano depois
- Frequência anual
- Manter periodicidade semestral, com datas previamente definidas
- Fórum permanente
- Manter encontros semestrais
- Uma reunião do Diálogo Nacional a cada seis meses

### **Ações**

- Fortalecer projetos pilotos
- Enfoque em projetos concretos (parcerias)
- Propor uma meta-desafio ao grupo (como estímulo à busca de resultados para o Diálogo).
- Objetivar exemplos práticos dos temas tratados – ter casos implantados para avaliação
- Diálogo deve priorizar estudos, diagnósticos e estratégicos. Ações sendo implantadas para fóruns locais
- Aprofundar e acompanhar discussões e pilotos do fomento florestal
- Apoio e incentivo aos diálogos locais
- Definir metas claras e factíveis para o DFMA
- Restauração junto a fomentados, apoio comunitário e ordenamento são todas estratégias de médio e longo tempo de resposta. O que o Diálogo vai fazer para proteger os pouco mais de 30 mil hectares de floresta com araucária em estágio avançado de conservação? Qual a estratégia de curto prazo?
- Fomento – desenvolver plano de ação a nível regional
- Continuidade dos objetivos da primeira fase, aprofundando dados e informações e buscando concretizar ações
- Menos reunião e mais ação no campo, em larga escala e longa duração
- Definição de plano de objetivo e metas para as regionais

### **Temas:**

- Manter o foco no fomento e ordenamento
- Construção de modelos de precificação de serviços ambientais
- Explorar a temática florestas-água-biodiversidade como foco do diálogo
- Enfoque em espécies nativas (uso, incentivos para plantio, mercados)
- Manter os dois temas e agregar dois novos: políticas públicas e áreas protegidas privadas
- Manter os mesmos temas nos diálogos locais
- Ampliar o tema foco de Mata Atlântica para plantações florestais e biodiversidade

# **Planejamento da Segunda Fase: Consolidação das Propostas**

As idéias dos participantes foram analisadas, intensamente discutidas e sistematizadas como recomendações para a continuidade do Diálogo Florestal para a Mata Atlântica, em sua segunda fase.

## **1- Objetivos do Diálogo:**

- Consolidar o fórum nacional como estratégico e não executivo;
- Promover, fortalecer e integrar os fóruns regionais.

## **2- Abrangência do Diálogo:**

- Manter foco na Mata Atlântica;
- Difundir o modelo de diálogo intersetorial para outros biomas, regiões e setores da economia.

## **3- Duração:**

- Segunda Fase deve ter três anos.

## **4- Temas prioritários:**

- Manter os temas Fomento Florestal e Ordenamento Territorial;
- Foco na conservação da natureza;
- Inserir e ampliar o debate sobre áreas protegidas privadas, uso múltiplo da floresta – com conceito ampliado, e fomento florestal com nativas.

## **5- Periodicidade dos encontros:**

- Reuniões semestrais no primeiro ano e anuais no segundo e terceiro anos, totalizando quatro encontros presenciais do fórum nacional;
- Duração das reuniões do fórum nacional: dois dias;
- Primeiro dia com discussões e ajustes; segundo dia, convidar dirigentes das empresas e das organizações, para apresentação e envolvimento nos processos de tomada de decisão.

## **6- Participantes do Diálogo:**

### **Fórum Nacional**

- A lista de participantes do fórum nacional (convidados) deve ser ampliada;
- Assegurar que os fóruns regionais estejam representados no fórum nacional;
- Envolver outros setores de base florestal, através das entidades de representação;
- Estimular a participação mais constante dos membros do diálogo;
- Sugestão de instituições para serem convidadas: Sociedade de Investigações Florestais – SIF; Instituto de Pesquisas e Estudos Florestais – IPEF; Embrapa Florestas; Associação Brasileira dos Plantadores de Florestas – ABRAF; Sociedade Brasileira de Silvicultura – SBS. Devem ser identificadas pessoas nestas instituições;
- Sugestão de novas empresas para serem convidadas: International Paper; Arauco; Florestal Vale do Corisco; Celulose Cambará.
- Sugestão de novas organizações para serem convidadas: Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPÊ); Instituto Ecoar; Associação Mineira de Defesa do Ambiente (AMDA); Apoena.



### **Fórus regionais**

- Devem ser abertos a todas as empresas e organizações que atuem na região e podem envolver instâncias governamentais também, quando o assunto assim o demandar;
- Podem estabelecer diretrizes específicas para a realidade regional, em consonância, entretanto, com a temática e as diretrizes acordadas no Fórum Nacional;
- Atuarão como os núcleos operacionais/executivos do Diálogo Florestal, ou seja, constituirão as instâncias onde as diretrizes e acordos serão implantados efetivamente, por meio da cooperação técnica, financeira e estratégica entre empresas e organizações integrantes do Diálogo.

### **7- Coordenação do Diálogo:**

- De acordo com os participantes do Quarto Encontro, os atuais membros da coordenação devem permanecer, agora como membros do Conselho;
- A atual coordenação deve ser ampliada (de seis para oito integrantes) e ser transformada em um Conselho, composto por 4 (quatro) empresas e 4 (quatro) organizações ambientalistas;
- Dentre os critérios para definir os integrantes do Conselho devem ser considerados o comprometimento e o envolvimento da empresa ou organização com o Diálogo, durante a primeira fase, e a distribuição e representatividade pelos segmentos e regiões abrangidas pelo Diálogo;
- O Fórum Nacional deve atuar como uma “coordenação geral” do processo de diálogo. Nele devem ser discutidas, construídas e acordadas diretrizes e estratégias;
- A “coordenação” do Diálogo deve assumir um papel mais efetivo na mediação de conflitos e estimulação dos fóruns regionais;
- Deve funcionar ainda para o monitoramento da qualidade e eficácia dos processos de diálogo nos fóruns regionais;
- Sugestões dos participantes para as empresas que devem ser convidadas a integrar o Conselho: Klabin Papel e Celulose; Aracruz Celulose; Cenibra; Masisa; Votorantim Celulose e Papel;
- Sugestões dos participantes para as organizações que devem ser convidadas a integrar o Conselho: Apremavi; Fundação Biodiversitas; Instituto Floresta Viva; Fundação SOS Mata Atlântica; Sociedade de Pesquisa em Vida Silvestre e Educação Ambiental (SPVS).

### **8- Operacionalização**

- Melhorar a gestão e os processos de comunicação, ampliando os instrumentos entre o conselho/coordenação e os participantes e inter-participantes;
- Implantação e monitoramento das recomendações e diretrizes emanadas dos fóruns regionais em outras áreas prioritárias – difusão dos conceitos do Diálogo;
- Elaborar uma proposta que aponte para a sustentabilidade em longo prazo do Diálogo, incluindo o fórum nacional e os fóruns regionais, indicando ainda aspectos sobre sua estrutura organizacional e recursos financeiros;
- Instalar uma “secretaria executiva” do Diálogo, por meio da contratação de um(a) profissional dedicado especificamente a esta função.

## PARTICIPANTES DO TERCEIRO ENCONTRO

Nome	Empresa / Instituição
André Guimarães	Instituto BioAtlântica
Beto Mesquita	Instituto BioAtlântica
Cristina Moreno	Veracel Celulose
Deuseles João Firme	Celulose Nipo-Brasileira (Cenibra)
Elizete Siqueira	Instituto de Pesquisas da Mata Atlântica (IPEMA)
Gilberto Tiepolo	The Nature Conservancy (TNC)
Helena Maria Maltez	WWF- Brasil
João Carlos Augusti	Suzano Papel e Celulose
Afonso Kiehl Noronha	NorskeSkog
Kaisa Tarna	StoraEnso
Liana Maria Martins Amaral	Bracelpa
Lúcio Bedê	Conservação Internacional Brasil
Ludmila Pugliese de Siqueira	Instituto BioAtlântica
Luiz Paulo Pinto	Conservação Internacional Brasil
Márcio do Nascimento	Votorantim Celulose e Papel (VCP)
Marco Antonio Brito	Rigesa MeadWestvaco
Mariana Schuchovski	Masisa
Mario Mantovani	Fundação SOS Mata Atlântica
Miguel Calmon	The Nature Conservancy (TNC)
Miriam prochnow	APREMAVI
Oscar Artaza	Associação Flora Brasil
Roberto Rezende	Moderador
Rosane Monteiro Borges	Aracruz Celulose
Rui Rocha	Instituto Floresta Viva
Sandro Coneglian	Sociedade de Pesquisa em Vida Selvagem e Educação Ambiental (SPVS)
Sérgio Borenstain	Veracel Celulose
Zeila Piotto	Veracel Celulose